



UMA ANÁLISE DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Mary Delane Gomes de Santana¹, Claud Kirmayr da Silva Rocha²

¹Universidade estadual da Paraíba – UEPB – Polo – Patos¹, mdgs.uepb@gmail.com; ² Professor da E.M.E.F

Josué Alves de Azevedo – Brejo do Cruz – PB, claud_bc@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representatividade dos professores do ensino fundamental I e II da cidade de Campina Grande – PB sobre o TDAH, Procurou-se identificar se eles sabem usar as intervenções pedagógicas necessárias para identificar um aluno com TDAH e quais as atitudes e mudanças na prática pedagógica deles, caso tenham que lidar com este tipo de aluno. No país a maioria dos professores assim como a maioria das escolas não está preparada para diagnosticar e lidar com o aluno que possui esse transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. O TDAH se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade, é chamado às vezes de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção). Em inglês, também é chamado de ADD, ADHD ou de AD/HD. Ao desencadear no aluno um desinteresse para o estudo leva-o constantemente ao fracasso escolar, assim se os professores e a escola não estiverem preparados para lidar com este aluno, o mesmo tenderá a perpetuar seu fracasso nos estudos. A discussão deste tema é de suma importância nos dias atuais, uma vez que se tem discutido constantemente sobre a questão da importância da inclusão dentro do ensino regular e, apesar de já existir alguns educadores e algumas escolas conscientes sobre esta questão, pouca mudança tem ocorrido ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito à realização de um planejamento diferenciado que auxiliem na eficácia e resolução desse problema.

Palavras Chaves: TDAH, Fracasso Escolar, Professores do Ensino Fundamental I e II.

INTRODUÇÃO

A relação entre a aprendizagem e o funcionamento da mente com seus processos mentais, sempre se constituíram um dilema para a ciência, como também para o sistema educacional que atualmente tem objetivado equalizar o processo de ensino-aprendizagem as necessidades fundamentais do indivíduo, procurando oferecer ao mesmo uma aprendizagem significativa independentemente dos problemas que o mesmo possa apresentar na seara do conhecimento. A educação especial saiu do campo das escolas ditas especiais e ou para alunos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

especiais e adentrou no campo do ensino regular, afinal todo aluno é especial no que tange o processo de aprendizagem.

Atualmente a ciência vem esclarecendo algumas situações neuro biológicas, que tem auxiliado os professores a ter consciência das dificuldades que afligem alguns alunos que apresentam dificuldades e transtornos de aprendizagem, ela faz isso oferecendo diferentes técnicas e abordagens que podem auxiliar o professor e o profissional responsável em pelo atendimento específico em conjunto com o professor a ativar o cérebro do aluno para desenvolver novas rotas na estrutura da aprendizagem.

Tais técnicas tem produzido uma significativa melhora na velocidade do processamento e raciocínio dos indivíduos, especialmente no caso dos decorrentes de transtornos comportamentais ou relacionados com a capacidade intelectual.

Concomitante com o avanço da ciência, as mudanças nas políticas públicas educacionais do Brasil tem implantado leis de inclusão de pessoas com necessidades deficiência no ensino regular tais como a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Lei N° 9.394/96 que em seu capítulo V, no art. 58 enfatiza que a educação especial:

É uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino e que haverá, quando necessário, serviços de apoio, especializado, na escola regular para atender as necessidades e particularidades da clientela da educação especial.

A década de 90 trouxe à tona as discussões referentes a educação das pessoas com necessidades especiais e ou com deficiência como se define atualmente, fazendo com que elas adquirissem consistência.

No art. 59 da lei supra citada, têm-se que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: Currículo, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas para atender as suas necessidades.

Entre as crianças consideradas como integrantes da Educação Especial, um grupo chama a atenção e é o objeto de estudo desse trabalho, os portadores de dificuldades de aprendizagem do tipo Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que embora apresentem ou não alguma deficiência física estão sempre no anonimato da questão.

Apesar de muitos profissionais pelas mais variadas razões, desde inocência e falta de formação científica e até mesmo má-fé, afirmarem que “o TDAH não existe”, é uma “invenção” médica ou da indústria farmacêutica, para terem lucros com o tratamento, este transtorno é reconhecido oficialmente por vários países e pela Organização Mundial da Saúde



(OMS). Em alguns países, como nos Estados Unidos, portadores de TDAH são protegidos pela lei quanto a receberem tratamento diferenciado na escola.

É na escola que o TDAH se torna mais evidente, por este motivo o trato com o aluno precisa ser especializado, todavia, nem sempre a escola e o professor estão preparados para lidar com esse problema.

Segundo Vicente Martins (2002) “Estima-se que no Brasil, cerca de 15 milhões de pessoas tenha algum tipo de necessidade especial”, sendo estas de origem mental, auditiva, visual, físico, conduta ou deficiências múltiplas. Neste universo, acredita-se que uma boa parte sofra algum problema de ordem psicológica e dificuldades de aprendizagem.

Assim, esta pesquisa fundamenta-se na discussão do TDAH, buscando analisar a representação dos professores do ensino fundamental I e II de uma escola de Campina Grande – PB sobre o problema.

O aluno com TDAH muitas vezes é discriminado, considerado fracassado, pois se acredita que ele nunca irá aprender, deste modo, são rotuladas como “burro” ou “bagunceiro”; desprezado pelos colegas e repreendido pelos professores, podendo ser condenado ao insucesso pessoal e profissional.

A ciência na contemporaneidade tem apresentado várias descobertas na área humana. No campo da neurociência tais descobertas têm aumentado significativamente e revelado inúmeros avanços na compreensão de como o cérebro o que tem implicado diretamente nas ações educativas.

A apropriação desse conhecimento revelou novos caminhos para identificar consideráveis características dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, já que o ato de aprender não é passivo e nem o ensino pode ser considerado apenas uma transmissão de conhecimentos.

Em 1984 ficou claro que processos mentais como aprendizagem e memorização dependem integralmente de centros nervosos específicos e suas complexas conexões. Tal descoberta foi feita pelo neuro cirurgião William Scoville ao submeter um paciente à remoção bilateral do hipocampo e das amígdalas para o tratamento de um quadro epilético, confirmando ao destacar que “o paciente perdeu a capacidade de aprender novas informações”. (GOMES, 2002, p. 18)

Hoje, com a tecnologia contribuindo para as ciências médicas as imagens feitas através da tomografia entre outros equipamentos, confirmam tais descobertas e ampliam cada vez mais a possibilidade de aprofundamento nesta área, desvendando inúmeros segredos do corpo humano.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assim, a neurociência explica os detalhes de funcionamento cerebral e em sua abrangência delimita que a organização do sistema nervoso é determinada por fatores genéticos e ambientais que influenciam no comportamento humano. Segundo Romanelli (2010, p. 15), “a própria palavra neurociência surgiu a muito pouco tempo como resultado do interesse dos cientistas em compreender o funcionamento do sistema nervoso, entendido como o órgão que centraliza as informações que recebemos”.

Vale salientar que o processo de desenvolvimento nervoso dos seres humanos não se dá em apenas uma etapa da vida, essa organização não acaba quando a criança nasce, e sim, se desenvolve por meio de influências do meio ambiente, produzindo transformações em diversos níveis, de acordo com a aquisição de novos conhecimentos, havendo sempre uma nova reestruturação dos circuitos nervosos.

Considerando essa possibilidade de regeneração do sistema nervoso, ou seja, a neuroplasticidade, introduz uma ampla possibilidade de modificações na estrutura mental que administra o processo da aprendizagem à medida que novos estímulos externos sejam ativados e ao mesmo tempo reativados. Assim há sempre uma possibilidade de reestruturação, especialmente no que diz respeito às síndromes e conseqüentemente novas chances de aprendizagens.

Essa possibilidade nos remete a pensar no trabalho executados nas salas de aula, como caminho possível a eficácia da aprendizagem de alunos portadores de necessidades especiais, visto que é espaço de contexto coletivo e social.

Ainda de acordo com os últimos eventos da ciência, pesquisadores trouxeram à tona a ideia de que cada área do cérebro é responsável por uma série de atividades e por si estão interligadas, emitindo uma correlação entre as funções cognitivas e o funcionamento do cérebro.

Encontra-se aí a importância do córtex pré-frontal no estudo do TDAH, por atuar nas funções motoras, de equilíbrio e postura, coordenação motora fina, além de participar ativamente das funções cognitivas e relacionadas a emoção. Elementos são fundamentais na aquisição da aprendizagem, conforme cita Gomez (2002, p. 45), “A aprendizagem é uma função integrativa, onde se relacionam o corpo à psique e a mente para que o indivíduo possa apropriar-se da realidade de uma forma particular”.

A aquisição da aprendizagem relaciona-se a uma função cerebral, e é um processo individual, que faz parte de uma relação psicossocial. Assim o processo cognitivo que estabelece a aprendizagem sustenta-se nos estudos que envolvem a neurociência cognitiva.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O TDAH, é um transtorno do neuro desenvolvimento do indivíduo, que se apresenta de maneira diferente entre as pessoas e que há muito tempo foi descoberto, porém não era reconhecido. Com as últimas descobertas da neurociência, percebeu-se que se tratava de um problema sério que exige cuidados específicos, pois acompanha o indivíduo ao longo da vida, comprometendo o funcionamento das diversas áreas em que o indivíduo atua, inclusive nas questões sócio interativas.

Sua primeira descoberta se deu quando o pediatra inglês George Still, apresentou casos clínicos de crianças com hiperatividade e outras alterações de comportamento, que em sua opinião não podiam ser explicadas por falhas educacionais ou ambientais, mas que deveriam ser provocadas por algum transtorno cerebral na época desconhecido. Citação retirada do guia para tratamento de TDAH, publicado pela associação brasileira do déficit de atenção – ABDA.

O predomínio de déficit de atenção e/ou hiperatividade é particular a cada indivíduo. Todavia nem sempre uma pessoa que tem dificuldade de manter a atenção ou são impulsivas, são pessoas portadoras da síndrome. Como também, há pessoas que são portadoras de TDAH, também conhecido como distúrbios de déficit de atenção (DDA) e não são necessariamente hiperativas, como pode ocorrer o inverso.

METODOLOGIA

O estudo se caracteriza como uma pesquisa de cunho descritivo, de caráter investigatório que segundo Caleffe e Moreira (2004), é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais. Segundo Gil (2002), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de um determinado fenômeno.

Foi feito uso também da pesquisa quanti-qualitativa, uma vez que explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser descritos apenas numericamente (CALEFFE e MOREIRA, 2004, p. 73). Fez-se uso também da pesquisa bibliográfica, para fundamentar a base teórica do trabalho bem como do trabalho de campo.

A população estudada foi constituída por professores do ensino fundamental I e II de uma escola da rede privada de Campina Grande, que afirma ter em seu PPP a orientação de acompanhar pedagogicamente os alunos com TDAH. Foi realizada a pesquisa com professores polivalentes e professores do ensino fundamental II num total de 26 investigados.

A escolha das séries iniciais foi feita pelo fato de ser um período em que as crianças estão em fase de alfabetização, e os professores manterem um contato direto e maior com



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estas crianças, sendo, portanto, as pessoas mais indicadas para observar e relatar as dificuldades de transtornos por elas apresentadas.

Para a coleta dos dados foi utilizado o questionário com perguntas objetivas, por ser mais fácil o acesso a esses professores, pois a escola só disponibilizou o horário de intervalo para o contato com o professor. Assim, o professor foi abordado de forma direta e livremente optou por responder o questionário na presença do pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do grupo pesquisado de 26 funcionários, 18 (60%) são do sexo feminino e 08 (30%) são do sexo masculino, o que demonstra que no setor educacional, as mulheres continuam sendo a maioria, resquício da formação cultural de nosso país e ou da própria alteração sofrida pelo sistema educacional, mesmo antes da revolução industrial. Além disso, as questões de afetividade influenciaram diretamente na opção profissional de muitas mulheres nos postos de trabalho voltados para a educação, isso também contribuiu para esta inserção da mulher no campo educacional.

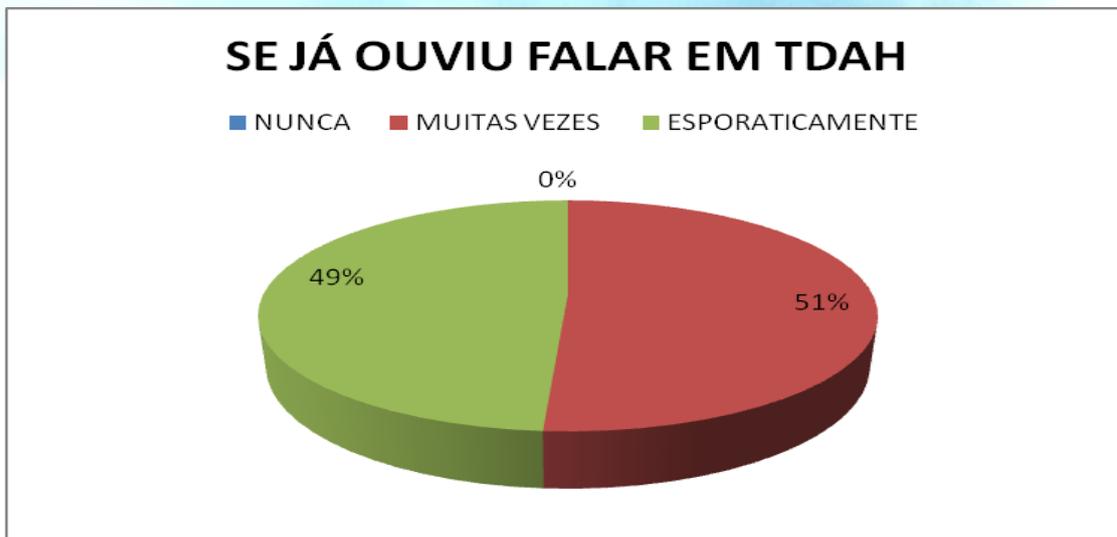
Gráfico 1: Identificação do gênero



Com relação ao nível de conhecimento sobre o TDAH, de acordo com os resultados apresentados no Gráfico 2 abaixo, observa-se que o número de professores que já tomaram conhecimento sobre TDAH, 51%, é bem mais significativo do que o grupo que ouviram falar esporadicamente (49%).



Gráfico 2: Conhecimento sobre o TDAH



Os dados acima demonstram que, de uma maneira geral, os professores têm conhecimento sobre a síndrome e que assim sendo, pode-se inferir que talvez seja capaz de identificá-la no aluno que a apresenta.

Para Matos (2004), o reconhecimento dos professores sobre este problema é um passo adiante na forma de encontrar soluções para ajudar as crianças que apresentam um quadro de déficit de atenção e hiperatividade. Assim, a escola pode atuar de maneira sistemática para controlar esse problema demonstrando aos alunos a necessidade de tomar decisões pensadas e aprender a fazer uma avaliação adequada das alternativas possíveis para minimizar a tomada de decisões equivocadas.

Com relação aonde obteve conhecimento sobre o TDAH, foram destacados alguns locais onde o professor poderia ter obtido essa informação. O gráfico 3 acaba ressaltando a influência dos meios de comunicação no acesso a informação. Entretanto enfatizamos que embora a mídia falada supere nos tempos contemporâneos a escrita, percebe-se um fenômeno a considerar na profissão do professor. As respostas dos mesmos apresentou que a maioria faz uso do ato da leitura de revista e periódico que são fáceis de conduzir, possuem preços aqueceáveis, além de poderem ser encontrados em diversos lugares, na própria escola, em consultórios, locais públicos entre outros lugares.

O resultado do gráfico 3 surpreendeu pelo fato de que a direção da escola ter nos afirmado que já desenvolvia um trabalho de identificação junto com o setor pedagógico as crianças que desenvolvem este tipo de dificuldade, e os professores em nenhum momento

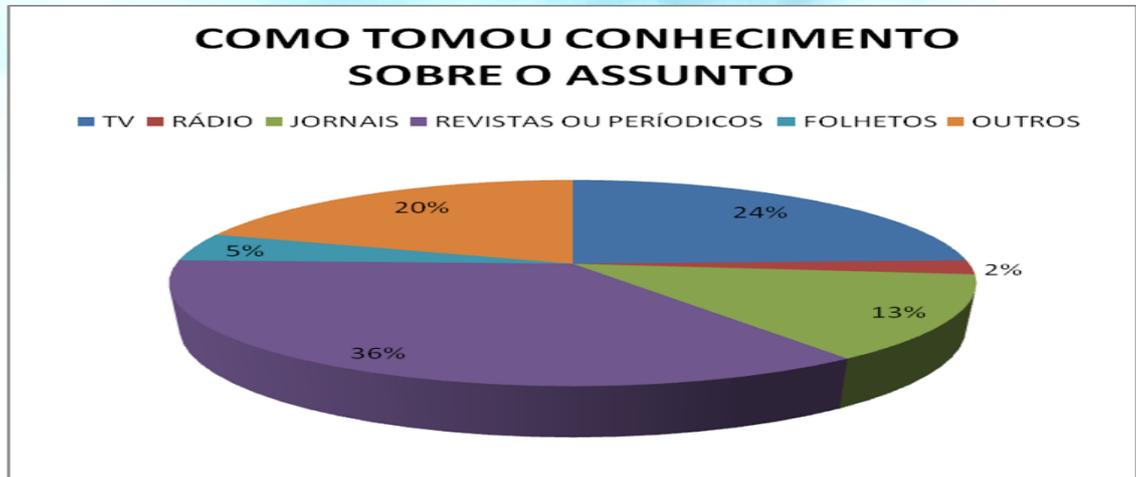


III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

informaram que o conhecimento deles advinha do trabalho realizado pela escola e ou pelo conhecimento do PPP da mesma

Gráfico 3: Como tomou conhecimento do TDAH



Como o cotidiano do professor é extremamente difícil, nem sempre é fácil para o mesmo identificar com exatidão o que ocorre na aprendizagem de seus muitos alunos. As salas em sua maioria superlotadas, torna-se um empecilho para a execução de uma prática educativa mais eficaz, no que diz respeito ao conhecimento de cada aluno de forma integral.

Especialmente no ensino fundamental II onde os conteúdos são fragmentados, muitos professores apenas passam pela vida dos alunos sem que haja nenhuma evidência relacional mais concreta.

Assim sendo quando foi perguntado aos professores que mesmo conhecendo o TDAH se eles saberiam fazer o diagnóstico pedagógico da criança com TDAH, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 4, observa-se, 67% dos profissionais de educação afirmam que são capazes de identificar crianças com TDAH na sala de aula, em detrimento de 11% que asseguram não sabem se são capazes de realizar a identificação. Por sua vez, 22% dos profissionais entrevistados responderam que não são capazes ou não identificar alunos com TDAH.

Os dados apresentados no gráfico exposto na folha (9), demonstram que nem todos os professores da escola sabem identificar o aluno com TDAH e conseqüentemente desenvolver atividade pedagógica específica com esse tipo de aluno, mesmo a escola afirmando ter em seu PPP a preocupação e esse trabalho, porém a maioria afirmou que saberia sim.

Devido ao longo entreve ocorrido ao longo dos tempos que diagnosticava o TDAH como uma doença e não como transtorno, a pesquisa nos leva a crer que exista uma paridade entre



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

os profissionais que sabem fazer a identificação, os que não sabem e os que se sentem inseguros a fazer um diagnóstico pedagógico possível na atuação do professor. Conseqüentemente, aqueles que responderam não asseguram que não possuem informação suficiente que o leve a ter segurança de identificar algum caso existente em sua sala de aula.

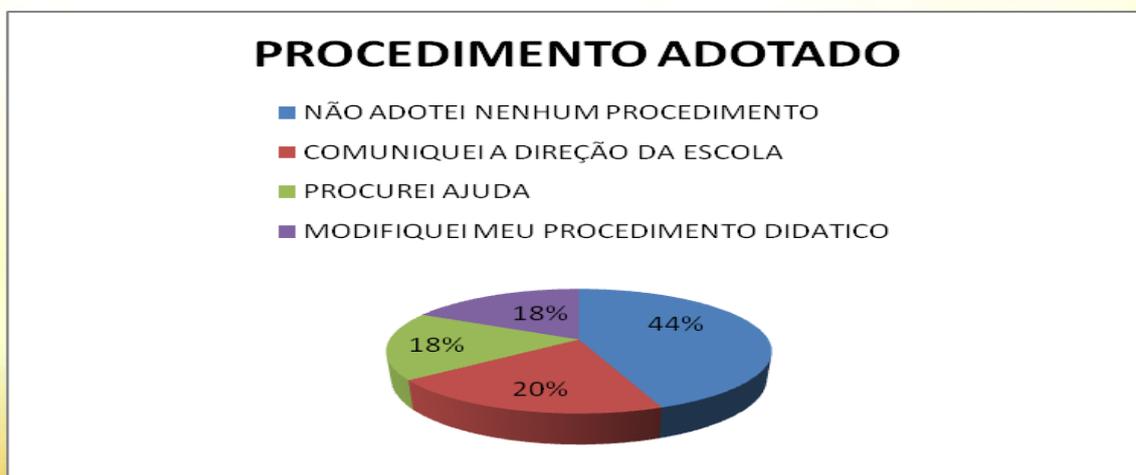
Embora o diagnóstico do TDAH, deva ser feita por uma equipe multiprofissional composta por neurologista, psicólogo, fonoaudiólogo e outros profissionais, pois é preciso descartar qualquer tipo de doença neurobiológica, a função do professor é essencial, visto que o mesmo mantém uma convivência temporal com o aluno e consegue perceber a diferenças entre os mesmos e é passível de fazer os primeiros levantamentos de dados e auxiliar no encaminhamento ao médico e para um diagnóstico médico mais preciso.

Gráfico 4: Identificação do aluno com TDAH



Com relação aos procedimentos adotados no caso de se trabalhar com alunos com TDAH, percebe-se uma disparidade entre o conhecimento que eles afirmavam que tinham e as tomadas de atitudes necessárias para trabalhar com o aluno. Isso ocorre porque nem sempre conhecer é um fim para o alcance de resultados.

Gráfico 4: Procedimentos adotados





Outro ponto observado aqui é a questão do compromisso pessoal do professor relacionado à aprendizagem do aluno. Em alguns casos ocorre um certo descaso com relação ao nível de aprendizagem do aluno, pois alguns não se sentem responsáveis por esta aprendizagem, por muitas vezes rotularem o aluno como incapaz e assim repassam a responsabilidade da aprendizagem para a escola, família ou sociedade. Entretanto, dialogicamente esta responsabilidade é integrada, ou seja, todas as partes tem sua fatia.

Grafico 5: Possibilidade de convivência



Com relação a possibilidade convivência qualitativa com o aluno com TDAH, foi quase unânime a resposta dos professores pesquisados, apenas dois professores alegaram não saber ou não acreditarem numa convivência saudável com tais alunos. Com esse tipo de pensamento o professor pode abrir espaço para rótulos e inúmeras formas de discriminação com o aluno que apresenta essa síndrome. Este tipo de comportamento do professor é preocupante pois o mesmo pode desencadear o bullying em sala de aula, pois a medida que o professor torna-se um referencial no entorno da sala de aula, suas atitudes desencadeiam outras atitudes semelhantes nos demais alunos.

Outra questão levantada e que não foi quantificada na forma de gráficos, diz respeito a opinião dos professores para trabalhar com o aluno com TDAH. Os mesmos responderam que a escola deveria:

- Investir na capacitação dos professores
- Acompanhamento e avaliações diferenciadas
- Maior acompanhamento junto as atividades diferenciadas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- Prestar mais atenção e dedicar mais tempo aos alunos com esse transtorno;
- Oferecer estrutura para trabalhar com ferramentas adequadas a realidade dos alunos.
- Maior atenção dispensada
- Diversificar as atividades para prender a atenção;
- Estudos dirigidos aos professores para que os mesmos se preparem para ajudar os alunos;
- Acompanhamento médico
- Ajuda pedagógica
- Atividade física.

CONCLUSÃO

Na condução da sociedade nos limites da construção do conhecimento, a escola exerce um papel fundamental e estrutural. O papel da escola sempre conduzirá mudanças de paradigmas, pois é um lugar privilegiado a busca de mudanças, nela movimentam-se os mais tocantes embates psicossocial.

Mesmo com essa possibilidade para muitos alunos a escola é considerada uma “prisão”, pois o mesmo sente-se obrigado a frequentar diariamente e não encontra ali um atrativo que condigam com sua realidade, a escola muitas vezes reprime o aluno e o fluxo natural de suas possibilidades o que os leva a considerar os profissionais que comandam a escola como ditadores ou torturadores, bem mais que os seus próprios familiares.

Para o aluno com TDAH, esse ambiente pode ser ainda mais repressor, ele se sente inadequado, e muitas vezes ignorado e até mesmo dependendo da situação humilhado, por professores e pelos próprios colegas de classe, afinal a sua distração, ou a sua agitação ou qualquer outro sintoma que ele apresente ligado a essa síndrome pode ser mal interpretado, o que acarreta ao mesmo sérios problemas de aprendizagem, que pode acompanhá-lo por toda sua vida escolar, caso o professor e a escola não se deem conta dessa situação.

Os sintomas que os alunos com TDAH apresentam os impedem de estudar o suficiente, e não por dificuldades de compreensão, pois são em geral crianças bastante inteligentes e quando conseguem prender sua atenção no estudo ou em qualquer assunto aprendem com facilidade. Entretanto, crianças com TDAH são mais susceptíveis a outros transtornos de aprendizagem, como: Dislexia, Discalculia, Disortográfica e Disfasia

O TDAH é um transtorno que embora não tenha cura completa, precisa ser tratado e acompanhado por toda a vida do indivíduo, pois o mesmo pode ser anemizado. Assim sendo, professores e a escola precisam conhecer os sintomas dessa síndrome, para poder fazer o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

diagnóstico pedagógico do aluno que a possui para enviar o mesmo para o tratamento, além é claro de desenvolver metodologias para trabalhar o processo de ensino e aprendizagem com este tipo de aluno.

Entretanto, mesmo as escolas que dizem ter essa orientação no seu PPP, como a escola analisada, não tem preparado todos os professores adequadamente para essa finalidade. E o conhecimento bem como a maneira de se trabalhar o aluno com TDAH precisa explícito, abrangente e generalizado entre os profissionais da educação, para que o aluno que possuía essa síndrome não seja tratado erroneamente como um aluno sem compromisso, preguiçoso e ou sem capacidade alguma de aprender.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO – ABDA. Revista: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), p.4. Site da Associação disponível em <http://www.tdah.org.br/>. Acesso em 15 fev. 2016.

DIAS, Ângela Álvares Correia; CHAVES FILHO, Hélio. A Gênese sócio histórica da ideia de interação e interatividade. In: SANTOS, Gilberto Lacerda. **Tecnologias na educação e formação de professores**. Brasília: Editora Plano, 2003. p.31-46.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. F. Cardoso. Leitura e escrita: a produção dos “maus” e “bons” alunos. In: GOMES, M. F. Cardoso; SENA, M. das G de C. (Org.). **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 2. Ed., p. 9-28.

MARTINS, Vicente. **Educação especial, dislexia e gafes linguísticas**. Ano I, n. 04, maio 2002 - Quadrimestral - Maringá - PR – Brasil. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br//04edu_martins.htm. Acesso em: 22 maio 2016.

MOREIRA, H. e CALEFFE, L. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

PINTO, Maria de Lourdes Moreira. **O uso da informática no ensino fundamental: um estudo de caso nas escolas de Belo Horizonte**. Florianópolis. 2001. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/7744.pdf>> Acesso em: 04 set. 2016.

RICHARDI, Kelly. **Dificuldade de Aprendizagem: causas e efeitos**. Grupo Diário, Pato Branco: Diário do Sudeste, 2008. Disponível em: <http://www.diariosudoeste.com.br/index.php>. Acesso em: 10 mar. 2016.

VYGOTSKY, L. S. LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 4. ed. 1988.